

Alma Mater: de Portugal para o mundo

Entrevista com Fernando Ribeiro

Sónia Pereira

Universidade Católica Portuguesa | Research Centre for Communication and Culture

Fernando Ribeiro lidera, há mais de duas décadas, os Moonspell, coletivo português filiado nas sonoridades do heavy metal que desde cedo granjeou enorme popularidade entre o público internacional, mas cujo reconhecimento em território nacional tardou a chegar. Com 10 álbuns de originais já editados – *Wolfheart* (1995), *Irreligious* (1996), *Sin/Pecado* (1998), *The Butterfly Effect* (1999), *Darkness and Hope* (2001), *The Antidote* (2003), *Memorial* (2006), *Night Eternal* (2008), *Alpha Noir/Omega White* (2012) e *Extinct* (2015) –, os Moonspell percorreram ao longo da sua carreira os mais diversos espectros do metal extremo, incluindo o black metal, death metal, folk metal, o industrial e o gótico. Além da escrita de letras para os Moonspell, nas quais se podem frequentemente descortinar algumas das temáticas habituais deste género musical, ainda que sempre envoltas nas particularidades de um certo sentido de portugalidade que em muitos sentidos define a banda, Fernando Ribeiro é também autor de livros de poesia (*As Feridas Essenciais*, *Como Escavar um Abismo*, *Diálogo de Vultos*) e de contos (*Senhora Vingança*), e colaborou na edição e tradução para português dos dois primeiros volumes da obra integral de H. P. Lovecraft. Estudou Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e nunca deixou de cultivar esse espírito inquisitivo refinado que revela na sua escrita.

Nesta entrevista, interrogamos Fernando Ribeiro sobre as complexidades da articulação entre os Moonspell e a cultura portuguesa, partindo de uma abordagem

ancorada na reflexão sobre a identidade nacional e as dinâmicas da globalização. Por um lado, o heavy metal afirmou-se desde muito cedo como “one of the most profoundly globalized musics, with vibrant scenes in most parts of the world” (Hjelm et al., 2013: 9), sobretudo por via da sua capacidade de estabelecer práticas, instituições e circuitos de produção e circulação em grande medida independentes e dotados de uma autonomia própria em relação a uma indústria musical progressivamente enfraquecida e centrada em fenómenos mainstream com os quais o metal, em particular nas suas linguagens mais extremas, nunca chegou sequer a dialogar¹. Independentemente das diferenças locais e das características próprias que estas possam conferir às especificidades sonoras e performativas dos artistas posicionados no universo do metal extremo, estes encontram o seu mais imediato elemento de ligação num compromisso temerário com um conjunto de práticas eminentemente transgressivas².

Por outro lado, e a par desta tendência global que tem permitido a afirmação do metal como um género reconhecido e praticado nos pontos mais díspares do planeta, persiste em simultâneo, e em particular nestas suas linguagens mais extremas, uma problemática relação com a questão da identidade nacional, em especial no contexto do black metal, precisamente aquele de onde se poderá afirmar serem originários os Moonspell, ainda que nunca se tenham a ele circunscrito de modo exclusivo, como o seu percurso bem atesta. Na origem e definição do black metal, género globalmente dominado pelas suas origens escandinavas e em especial norueguesas, encontra-se um sombrio fascínio pela misantropia e o individualismo radical, o misticismo, o oculto e a morte, por uma recusa da mediocridade indiferenciada da vida moderna e pelo retorno a uma visão romântica de um passado idealizado em torno de mitos pagãos. Este regresso a uma herança cultural fundadora de uma noção essencialista de identidade nacional tem estado na origem de algumas aproximações porventura arriscadas a ideologias nacionalistas, frequentemente negadas e veementemente recusadas por muitos dos praticantes e adeptos do género, até porque esta apropriação política contradiz aquela que tem sido a abordagem de uma “reflexive anti-reflexivity” (Kahn-Harris, 2007) privilegiada pelo género³.

¹ “The underground was the principal space within which extreme metal developed as small groups of fans and musicians compensated for the lack of popularity of the music by connecting up with fellow scene members worldwide” (Hjelm et al., 2013: 9).

² Na sua análise sobre as diferentes linguagens do metal extremo, Keith Kahn-Harris socorre-se do conceito de transgressão para afirmar que as práticas neste género musical são, por natureza, “excessive, testing and breaking boundaries, invoking the joys and terrors of formless oblivion within the collective, while simultaneously bolstering feelings of individual control and potency” (2007: 30). Kahn-Harris distingue três modos de transgressão que operam em simultâneo no metal extremo, incluindo os domínios sónico, corporal e discursivo.

³ Também os Moonspell se viram envolvidos em semelhantes acusações, sobretudo pela sua opção de incorporar no tema “Alma Mater” (já de si passível de interpretações complexas) a citação “virando costas ao mundo/orgulhosamente sós/Glória antiga/volta a nós”. Todas as acusações de eventuais ligações a ideologias de extrema-direita foram sempre categoricamente negadas pela banda.

No entanto, esta questão polémica, como aliás muitas outras envolvendo o heavy metal, nunca se dissipou; de facto, há muito que a controvérsia parece ter-se tornado parte integrante das características definidoras do próprio género e da sua capacidade de gerar práticas discursivas que enformam a produção estética e a receção pública de modo igualmente transgressor. Talvez por esse motivo Fernando Ribeiro encontre razões para afirmar, acerca dos Moonspell, que se trata de uma banda “diferente, especial ou proscrita”, cujo lugar no contexto da cultura portuguesa e, simultaneamente, de uma cena global do metal, merece certamente uma reflexão mais aprofundada.

A cultura de um país está intrinsecamente ligada à sua identidade de múltiplas formas. De que modo é que esta articulação se encontra presente na música dos Moonspell?

Moonspell é intrinsecamente português. Se se conseguir relativizar o idioma que escolhemos para nos expressar (Inglês) e ver além da questão puramente local, de uma certa exigência do cantar em Português como único sentido dessa identidade, será fácil essa verificação de portugalidade na nossa banda, no seu conteúdo e mensagem. A nossa ligação é musical: a melancolia, os arranjos, os acordes maiores; mas também literária, pela relação directa ou indirecta que temos com muita da poesia e literatura e mitologia produzida em Portugal, que tantas vezes nos serviu como ignição para algo que se tornaria mais nosso, como criadores, mas sempre inscrito numa pertença maior. As nossas opções, o nosso comportamento na estrada, o que nos chateia, ou o que nos alegra (muitas vezes ao mesmo tempo) são também reacções portuguesas, imbuídas de dúvidas, medos e agigantamentos. Não nos interessa se os outros vêem a ligação, o nosso público vê e afastamo-nos do critério de quem manda no que é ser português. A melhor articulação é aquela que não se explica, mas que domina e extravasa para outros territórios culturais (Portugal nunca foi uma ilha isolada ou fechada a outras culturas, é importante notar isso), todo o nosso processo criativo, comportamento e, porque não, essência.

As referências aos mais diversos elementos da cultura portuguesa sempre ocuparam um espaço privilegiado na música dos Moonspell, incluindo memórias da mitologia lusitana em “Trebaruna” e “Ataegina” (de *Wolfheart*), a poesia de Fernando Pessoa em “Opium” (de *Irreligious*), o folclore das lendas de lobos e lobisomens em “Full Moon Madness” (de

***Irreligious*) ou a utilização da controversa expressão “orgulhosamente sós” em “Alma Mater” (de Wolfheart). De que forma é que estas opções reflectem a vossa forma de sentir a cultura e a identidade portuguesas?**

Nós sentimos a nossa cultura de várias maneiras e existem diversos pontos que achamos absolutamente urgentes recriar na nossa música. Primeiro, a nostalgia. O só querer estar onde eu não estou; o só querer ser quem eu não sou, que é Variações mas podia ser Pessoa. Esse é o estado português: o nosso desconforto, a nossa ausência no mundo, mas também a luta que lhe damos que produziu cultura, livros, testemunhos musicais ou teatrais; mas que, na minha opinião, também incita ao ultrapassar do nosso melancólico *self* nacional e nos permite, por vezes, o impossível ou, pelo menos, o improvável. Portugal deu muitas novidades ao mundo.

Em segundo lugar, a absoluta falta de promoção e crença em usar a nossa cultura como algo proactivo e identitário, destacando-nos dos outros países com que nos confundem, especialmente Espanha. É uma ajuda modesta mas os milhares que nos ouvem sabem e têm interesse na nossa cultura. Acedem a ela espontaneamente e não ficam à espera da comercialização turística das cidades ou de ir tirar uma foto sentados ao colo de Fernando Pessoa no Chiado, sem saber quem ele é ou o que fez. A luta pela cultura portuguesa é, essencialmente, uma luta contra a extinção, já que erros incontáveis da nossa classe política nos empurraram para o fundo da tabela, resumindo-nos a uma curiosidade de Império perdido.

Por fim: a absoluta e sedutora beleza da nossa cultura, esse é o aspecto silencioso, apenas teorizado em congressos para vender chouriças, mas para mim é o que faz a diferença – a nossa tristeza é bela, é viva, e é dela que também falamos, como amantes que não se explicam um ao outro.

Os Moonspell privilegiaram frequentemente, desde os primórdios da banda, a designação da sua própria produção musical como *Lusitanian Metal*. Porquê esta opção pelo Lusitano, ao invés do Português?

Os Moonspell começaram também para mostrar aos nossos contactos na cena Underground da altura que podia existir Dark Metal em Portugal. Para além de todas as motivações artísticas ou estéticas, de auto-expressão ou afirmação, também quisemos criar algo que não existia e que fazia falta. A expressão *Lusitanian*, em vez de Português, foi, como tudo aliás nessa altura, uma expressão de marcação de território. Muita da música Metal é luciferina, pagã, telúrica, celta, e nós queríamos evocar esse pequeno passado de Portugal, que foi curto, que foi importante, mas que foi sendo

esquecido, apesar do legado de Leite de Vasconcellos, porque também era limitado e não podia concorrer com a quase contemporaneidade dos paganismos Nórdicos ou Bretões. Na altura definiu-nos e marcou a diferença, mas também nós depressa nos tornámos mais Portugueses do que Lusitanos, perdendo em folclore, mas ganhando em substância. Limitámo-nos a acompanhar a história.

Por norma, os vossos álbuns não se encontram à venda nas secções da música dita portuguesa, e sim na secção específica do heavy metal, ao lado das referências do género oriundas de todas as partes do mundo. Se há espaço nessa música dita portuguesa para a inclusão de géneros tão distintos como a pop, o hip-hop, o funk ou a eletrónica, porque não haverá espaço para os Moonspell?

Se calhar é uma *blessing in disguise*. Nós adoramos Portugal e compreendemos a sua vitalidade histórico-poética, mas também nos afastamos dos muitos males que grassam em Portugal. À cabeça: a indústria musical e a forma como foi sendo gerida pelos protagonistas, e a Imprensa, o que leva a situações que roçam o preconceito ou a ignorância, como essa. Por outro lado, é uma distinta e clara marca de que somos uma banda diferente, especial ou proscrita, não importa. Sempre quisemos que essa diferença fosse inteligível. A música em Portugal, principalmente a nova música alternativa, quase sempre cantada em Português, ficou refém de uma lógica de imitar a música brasileira carregando mais ou menos nas vogais e consoantes; de ser a bola de *flippers* entre os teatros de província e a limitada lusofonia (Brasil, África, algum Oriente) que muitas vezes, ou quase todas, não consome nem se interessa por música ou cultura portuguesa. Ouve-se muito mais música brasileira ou africana em Portugal do que o contrário. Depois, há uma aposta clara em percorrer esses eixos ad náusea, tendo as rádios imposto quase uma ditadura de artistas “portugueses” nas quais é mais fácil encontrar um artista brasileiro ou africano do que os Moonspell. O Fado, pelo menos algum, tem feito por ser uma música do mundo e tem-se saído bem. Os Moonspell, de Portugal, estão no bom caminho desde há vinte anos. Se estamos na prateleira errada das lojas? Se calhar ainda bem.

Parece-vos que algumas linguagens artísticas encontram maiores resistências em serem integradas naquilo que é considerada a cultura de um país? Reveem-se nessa dificuldade?

Portugal tem uma obsessão quase culposa por tudo o que vem do Brasil e de África, e os artistas que abraçam essa fusão, por moda ou por talento, têm as portas abertas nos media. Não pretendo ser polémico, mas é a tendência. Tudo o que é mais anglo-saxónico é agora objecto de maior censura ou desconfiança. O nosso heavy tingido de negro e de melancólico nem sempre encaixa nessa orientação. Sem dúvida que nos revemos nessa dificuldade, especialmente quando temos de lutar ou insistir dez vezes mais pelo lugar que seria dado mais facilmente a outro artista, mais *up-to-date* e intervencionista. Mas nunca nos detemos perante essa dificuldade e temos encontrado o nosso espaço por entre a espessa névoa que de vez em quando cobre realmente Portugal e que vai praticando a sobrançeria perante a electricidade das nossas guitarras ou das citações de poetas malditos.

O estudo das subculturas urbanas terá sido nas últimas décadas uma das áreas que maior protagonismo adquiriu no domínio da investigação académica dos estudos culturais ligada à música. Como é que olhas atualmente para a subcultura do heavy metal e que diferenças encontras relativamente ao período em que os Moonspell surgiram, há mais de duas décadas?

Acompanhar de perto a evolução de uma forma de Metal subterrâneo até algo que move multidões é uma experiência a todos os títulos fascinante. As principais diferenças serão quantitativas e geracionais, isto é, aumentaram os números e rejuvenesceu a faixa etária. Tudo isto levou o Metal a uma divisão muito profunda e tornou o preconceito exterior numa espécie de indiferença desbaratada – não é só em Portugal que o Hip-Hop terá sempre mais atenção mediática do que o Rock – mas trouxe também algum preconceito para dentro do estilo. Nas massas existe mais divisão. Existe mais negócio. Com a Internet, factor que nunca se pode olvidar, deu-se mais importância à emoção do que à opinião. Hoje o Metal divide-se criativamente entre quem desbrava fronteiras e quem queima pontes para não sair dessas fronteiras. Os fãs também se dividem entre quem quer a música como epicentro, escolhendo essas bandas, e quem quer fazer um *wall of death* ou um *viking row boat* encharcado em cerveja nos festivais. Pessoalmente, acho que agora o Metal consegue dar outras coisas aos seus fãs e seguidores. Nem todas importantes, mas esse esvaziamento de conteúdo cria fenómenos de resistência e muitas bandas estão, na verdade, a fazer os seus melhores discos agora para a sua base de fãs mais dedicada de sempre.

A música é, pela sua natureza intrínseca, uma linguagem universal. Na era da globalização, parece tornar-se ainda mais fácil ultrapassar fronteiras e limitações, sejam elas geográficas ou culturais. Parece-te que este contexto traz sobretudo vantagens, ou, pelo contrário, poderá representar uma ameaça de extinção das diferenças e particularidades locais?

Nós somos o dedo no botão, correcto? Acho uma questão demasiadamente vasta para ser uma pessoa só a responder. O que acho é que as estéticas têm características e depende de nós a sua elasticidade. Acho que a dinâmica tanto pode ser de contracção, como de extensão, e essa noção faz-me ser optimista. Para já, porque nem tudo acontece *online*, ao contrário do que nos fazem pensar. Há fãs nossos que não se podiam interessar menos pelas nossas redes sociais. Abençoados. Enfim, num contexto onde a informação é livre, só a formação pode conduzir a um bom entendimento dessa informação e trazer solidez ao que seja característico, mantendo uma mente aberta para o que é desconhecido ou diferente. Esse entusiasmo é bom, pelo novo, pelo clássico, por tudo. Mas esse entusiasmo é muitas vezes passageiro ou fachadista, e isso é uma desvantagem brutal em relação ao tempo em que, sendo escassa, a informação era muito mais preciosa.

Num livro publicado recentemente, intitulado *Why Music Matters*, o Professor e investigador David Hesmondhalgh argumenta que a música tem de facto uma importância inegável a uma multiplicidade de níveis, para o indivíduo e para o coletivo, na experiência quotidiana e nos momentos excepcionais de celebração ou protesto, articulando as dimensões social, política, económica, estética e até afetiva. Se te perguntassem hoje *why music matters?*, como responderias?

Why shouldn't music matter? A música é um léxico, uma linguagem, um veículo teleportador que não se detém perante estudos, opiniões ou decretos de óbito às bandas e à indústria. Sempre pensei que as melhores coisas não se explicam. Se te perguntarem, por que a amas? E se hesitares, apenas porque não sabes explicar, darás a resposta certa. A pertinência não está em descobrir o sentido, mas em sentir o aperto no peito que agora não conseguiria descrever, nem que roubasse o fogo aos Deuses.

Obras citadas

Hjelm T, Kahn-Harris K and LeVine M (eds) (2013) *Heavy Metal: Controversies and Countercultures*. Sheffield/Bristol: Equinox.

Kahn-Harris K (2007) *Extreme Metal: Music and Culture on the Edge*. Oxford: Berg.